



CADERNO DE ARTE

THE ARTS SECTION



"Artenativas": 20 anos da Reforma Psiquiátrica brasileira
"Artenativas": 20 years of the Brazilian Psychiatric Reform

CADERNO DE ARTE

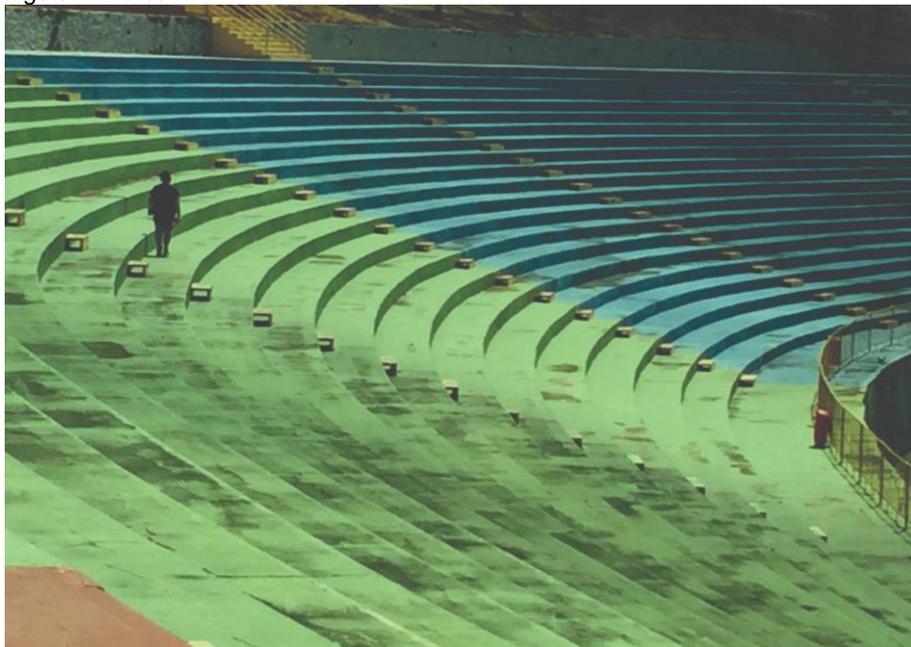
A proposta deste caderno é expor obras, que são de alguma maneira, atravessadas pela temática do presente número da revista: as políticas de saúde mental no Brasil e a atenção psicossocial. Nesta edição, os artistas dispuseram de suas subjetividades e experiências diversas, entre muitos afetos, os possibilitados pela história da Reforma Psiquiátrica no país, para compor as artes selecionadas.

A primeira obra dessa sessão, é justamente a imagem utilizada na capa deste número como um todo, e essa escolha se deu à proporção do sentimento trazido pelos elementos da fotografia. O ângulo distante de uma silhueta, que quase parece uma pessoa pintada à óleo, evoca uma sensação de solidão e distanciamento, e a posição do corpo na parcela alta de uma arquibancada, também traz uma significação curiosa: um caminhar desatento na arquibancada do espetáculo da vida na cidade.

O aniversário de 43 anos da Reforma e as políticas de saúde mental brasileiras objetivam, dentre muitas coisas, promover a cidadania e o vínculo social, os quais no campo da loucura sempre foram aniquilados pelas formas de tratamento. Os seres humanos adoecem na solidão, na exclusão e na falta de autonomia; todos possuem o direito a participar ativamente deste espetáculo.

A fotografia intitulada “borda”, parece que aborda, dentre seus múltiplos sentidos, isso. E transborda para fora da imagem aquela primitiva sensação de estar às bordas, onde não se parece tecer nem bordar a grande história.

Figura 1: Borda



Fonte: Joísa Helena Ramalho Alves.

A “Borda” integra a mostra fotográfica “Ser mais uns”, um registro da circulação dos afetos no campo social. Este é resultante das atividades da Oficina de Produção Audiovisual do CAPS II em Vitória da Conquista, entre 2015 e 2019. Sem delimitações conceituais, constitui-se como registros da imersão do grupo no território, com roteiros escolhidos pelos integrantes a partir dos seus desejos e memórias. É processo de livre expressão na captura do sentido na relação com o outro, no encontro, no que se leva da experiência; a vivência tem inspiração nos pressupostos da Luta Antimanicomial em defesa do cuidado em liberdade, do estímulo à autonomia e do fortalecimento de vínculos sociais.

“Ser mais uns” representa a oportunidade de invenção de novas realidades, de novos modos de se relacionar e de se reconhecer. São desterritorializações, a produção do corpo nas experimentações, estar na cena, modificá-la, ser encontro, fazer pontes e travessias. E assim, o registro de movimento, paisagem, fragmento, recuo, expressão, deslocamento, é o olhar por meio do corpo sensível na relação com os territórios existenciais. Trata-se de um manifesto de trajetos políticos, sociais, estéticos e afetivos.

Dentre os integrantes estão Rudh Oliveira, Sônia Gusmão, Arlito da Silva, Isabel Vieira, Maria Gorete Soares, Marcos Antônio da Silva, Uilson de Jesus, Rosana Maria Barbosa, Renata Lima, Kelly Oliveira, Rosalina dos Santos, Roberta Gomes, Nádia Pacheco, André Lisboa, Ronaldo Oliveira, Rubinea Paixão, Nayara Lopes, Marcelo Cezimbra, Renata Cevídames e Ioanes dos Santos. E a Coordenação é de Joísa Ramalho.

Figura 2: Fluxo.



Fonte: Joísa Helena Ramalho Alves.

Figura 3: Mistério.



Fonte: Joísa Helena Ramalho Alves.

Figura 4: Revelia.



Fonte: Joísa Helena Ramalho Alves.

Figura 5: Urbana.



Fonte: Joísa Helena Ramalho Alves.

A próxima figura não possui título, entretanto fala por si mesma. Trata-se de um desenho metalinguístico, no qual os próprios lápis definem os traços e colore os espaços; há uma mistura de formas e cores estimulantes, e remete ao poder da educação, percebemos uma relação entre o lúdico, o criativo, a arte e o ensino, como um potencializa o outro num processo emancipatório.

Figura 6: Pintura em tela.



Fonte: Rogéria Barbosa.

Trabalhando também o colorido, temos Marcos João Schramm, 51 anos, um jovem senhor de expressão serena, comedido nas palavras, e com longo histórico de tratamento psiquiátrico. Teve seu primeiro contato com as mandalas na oficina de criatividade do CAPS II, de Itajaí-SC, um ano antes da pandemia.

Desde o início seu trabalho se destacou pela forma atenciosa e paciente de desenhar, servindo-se de linhas e formas geométricas, simétricas e muito bem distribuídas, transmitindo a ideia de equilíbrio e harmonia, como é a proposta da mandala, enquanto representação simbólica da unidade psíquica interior.

No início ele fez as mandalas com lápis de cor e papel, e depois finalizou o tema proposto na oficina desenhando uma tela. Acompanhar o envolvimento de Marcos com as imagens circulares foi uma grata surpresa, não só para a equipe, mas principalmente para ele, que vivenciou tal experiência como uma verdadeira descoberta, que ganhou corpo e forma em seu estilo próprio de fazer as mandalas, talento esse que até então desconhecia.

Em suas palavras, “a mandala significa um desenho geométrico com vários detalhes diferentes e significados diferentes”. Refere-se aos desenhos como interessantes, e ressalta o quanto ficava feliz ao vê-los concluídos, algo que transparecia em seu rosto sempre que terminava um trabalho.

Essa alegria e satisfação contribuiu para que ele frequentasse assiduamente as oficinas, explorando sua criatividade e imaginação, à medida que seu mundo interno se organizava, processo esse que se refletiu em seus desenhos, que expressam integração e completude.

A oficina de arte, constituído como um lugar de cuidado em liberdade, inspirado no pioneirismo de Nise da Silveira, propiciou-lhe que forças do inconsciente encontrassem meios de configurar ordem onde havia dissociação, acessando o que Jung chamou de “caminho para o centro”, em um espaço que prioriza o respeito às diferenças e particularidades/potencialidades de cada um.

Figura 7: Mandala em papel.



Fonte: Marcos João Schramm.

A arte possui muitas “utilidades”, apesar de que ser útil não é o “motivo de ser” dela. Para Chico, produzir arte evoca bons afetos, como tranquilidade e apaziguamento, é fácil sentir e perceber essa relação do artista com a obra na figura a seguir.

Figura 8: "Através da Arte consigo me tranquilizar e ficar bem"



Fonte: Josimar Silva de Souza.

Agora, temos uma sequência de quadros de Tadeu Oliveira, uma coleção que conta uma história: a experiência dele de internação. É importante observar com sensibilidade as imagens a seguir, pois, trazem consigo, muito além de seus traços fortes, a memória de uma pessoa que viveu, de fato, um lado da história que motivou esta edição da revista.

Figura 9: A Onça



Fonte: Tadeu Oliveira.

Tadeu Oliveira, o artista dessa obra, retrata nessa tela, a internação compulsória devido à “Lepra”. Esse carro era denominado “a onça”, um furgão da vigilância sanitária, que ia buscar os pacientes doentes nas suas casas, para levá-los compulsoriamente ao Hospital/Colônia, quando havia resistência da família ou do próprio paciente. Tadeu viveu nesse ambiente institucional, tendo chegado lá aos 14 anos. Desenvolveu transtornos psicoemocionais e foi superando os mesmos através da sua arte. Aprendera desde cedo a usar o pincel como coadjuvante em seu processo terapêutico, que lhe dava a oportunidade de extravasar seus sentimentos e assim ele ganhava olhares além da pena por estar doente.

Figura 10: A triagem.



Fonte: Tadeu Oliveira.

Esse coreto ficava na entrada principal da Instituição. Era lá que os doentes tinham a primeira impressão sobre o que estava por vir. Então, a tela representa a chegada no ambiente de internação. Via-se ao entorno, pacientes

com mutilações diversas, cadeirantes e muitas vezes, gente com comportamento estranho, falas desconexas e descontextualizadas. Sabia-se que não se chegara apenas em um Hospital, mas num espaço de vida e morte.

Na tela seguinte, Tadeu Oliveira representa um momento que possibilitava a cura para as feridas físicas e emocionais. Representava momentos de descontração por meio da música e da dança no ambiente institucional. Tadeu era frequentador assíduo da Casa Viva, espaço destinado aos trabalhos terapêuticos. Na época era denominado trabalho de TO (Terapia Ocupacional).

Figura 11: A terapia de vida



Fonte: Tadeu Oliveira.

Tadeu relata que pintou “Amor, o melhor remédio” para representar o enorme significado de um abraço e de referências paternas no ambiente da Colônia. Era incomum as pessoas sãs se aproximarem dos doentes, mas quando isso acontecia de alguma forma evidenciava-se muito contentamento

pelo ato de amor. Então essa tela representa o encontro de uma pessoa com a outra para acalantar as almas doentes e tristes e, às vezes, loucas. Representa o amor como cura da alma.

Figura 12: Amor, o melhor remédio



Fonte: Tadeu Oliveira.

Figura 13: Um novo lar



Fonte: Tadeu Oliveira.

Essa é uma tela em que Tadeu quis representar uma moradia coletiva, onde os pacientes tinham oportunidades de construir novos vínculos, às vezes novas famílias. As pessoas ressignificavam suas vidas quando criavam novos vínculos sociais, que começavam algum tempo depois da chegada deles ao Hospital/Colônia. Alguns precisavam de mais tempo, outros faziam vínculos mais rápido. E alguns não percebiam seu estado físico como trágico, porque viviam imersos em suas loucuras que lhes garantiam menos dor.

A visão que Tadeu tinha era que o Sr. Vicente e a Sra. Aparecida, ambos pacientes, eram grandes líderes. Tadeu relata que eles foram muito importantes, pois ajudavam sempre os pacientes que chegavam. Eles sempre foram comprometidos a lutar pelos direitos dos pacientes e ajudavam as freiras e o padre no que consistia a assistência aos pacientes, na forma de organização e ordem do espaço.

Figura 14: Sr. Vicente e Sra. Aparecida



Fonte: Tadeu Oliveira.

A próxima obra apresentada é a capa do caderno de artes e é parte do livro “Vão das Artes: registros de uma experiência inovadora em saúde mental”, organizado pelo médico Marcus Vinícius Ribeiro e pelo musicoterapeuta Luiz Gonzaga nos anos de 2016 e 2017. São registros fotográficos de alguns anos do projeto “Vão das Artes”, que se estendeu por aproximadamente treze anos, idealizado e coordenado por Luiz Gonzaga.

As oficinas tiveram como base o serviço do CAPS II da cidade de Ribeirão Preto, SP. As obras foram produzidas por usuários do centro de atenção psicossocial, os momentos de criação artística proporcionaram a possibilidade de um tratamento humano, em um ambiente expressivo, livre e respeitoso, sem julgamentos e sem preconceitos. Pautados no cuidado e no desenvolvimento da potência humana, esses momentos puderam auxiliar na recuperação do equilíbrio psíquico, na redução do número de internações e dose de medicamentos. As produções foram expostas em feiras, palestras, congressos e simpósios.

As imagens não são pintadas ao acaso, trazem consigo os componentes de sua concepção, as intenções e sentimentos simbolizados em cada traço, em cada viga de sustentação, em cada canto esculpido. Com quais cores pintaríamos nossos momentos mais tristes e desesperançosos? Provavelmente com as cores do concreto da cidade, do asfalto que nos cerca ou da fumaça dos carros e indústrias.

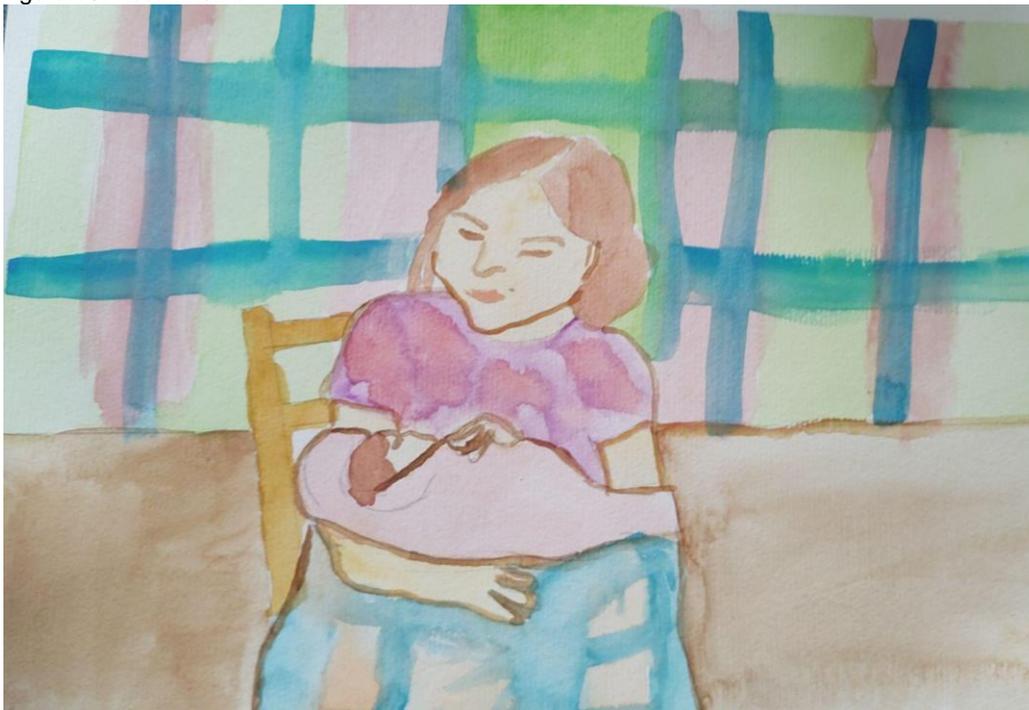
Podemos, então, buscar o contraponto na pintura, com as cores felizes e antidepressivas das flores, da natureza, dos mares, do céu aberto ou do magnífico céu crepuscular. Pode estar aí um instrumento terapêutico para equilibrar a expressão das cores mórbidas que dominam a vida urbana e depredam a natureza colorida e bela.

Figura 15: Luta Antimanicomial.



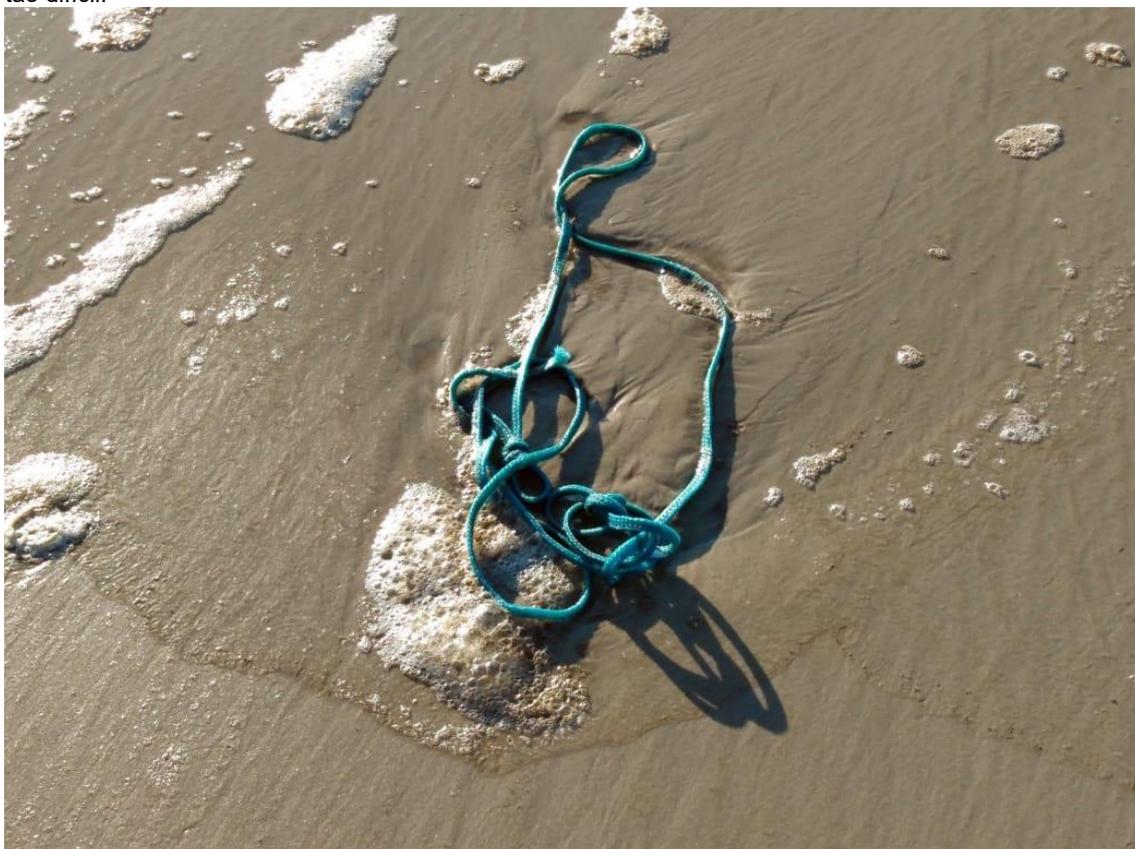
Fonte: Marcus Vinícius Ribeiro

Figura 16: Acolhimento.



Fonte: Isabela Paixão

Figura 17: “Fotografar foi com o passar do tempo, um jeito inusitado de me reconhecer e de conversar comigo mesma. Uma variante no processo de reflexão... Gratidão por essa oportunidade, nesse período tão difícil.”



Fonte: Elaine Bencke

A última obra integra o “GeraFotos: oficina de estranhar o cotidiano”, que

surgiu no início da pandemia de COVID-19 com o propósito de compartilhar percepções sobre o cotidiano. Um convite para registrar as inúmeras possibilidades de perceber o que existe no entre, nos detalhes, nas pequenas coisas que nos acontecem. As narrativas que acompanham cada foto fazem parte deste álbum coletivo que, além de imagens, é recheado de histórias, de compartilhamentos - e às vezes também de memórias adormecidas que despertam a partir deste outro olhar.

Figura 18: Redes e Conexões.



Fonte: Maria Graça

Finalizamos o Caderno de Artes com o relato de João Pedro Oliveira Santos sobre sua obra: “Este quadro representa a calma através do lago mas, ao mesmo tempo, uma explosão, que pode ser entendida como nossos sentimentos, a maneira como a gente escolhe vivenciá-los. Nem toda explosão é ruim, ela é importante para o nosso crescimento. Através da pintura eu

exponho toda minha explosão de sentimentos (bons ou ruins) e consigo me organizar.”

Figura 19: Liberdade.



Fonte: João Pedro Oliveira Santos